

IDEOLOGIA CISHETEROPATRIARCAL, CONTENÇÃO (CISHETERO)TERRITORIAL E O VIDEOCLÍPE "FLUTUA"

Laleska Costa de Freitas ¹
Ivaldo Gonçalves de Lima ²

RESUMO

Matriz heterossexual é o entendimento de uma relação contínua e consequente entre um binarismo de corpo, o gênero e o desejo, que faz com que se condicionem os corpos e os espaços para garantir que tal matriz se mantém como (cishetero)norma. Neste artigo atualizamos este conceito observando essa matriz como uma ideologia, conceito aqui compreendido como um sistema de ideias que capta parcialmente a realidade e por isto tem um espectro que foge da sua explicação que é igualmente a fraqueza e força desta ideologia. Para demonstrar a potência desta nova conceituação analisa-se geograficamente o videoclipe "Flutua" dos cantores Johnny Hooker e Liniker, que expõe em sua narrativa visual a reação ao espectro ideológico que na corporalidade dos protagonistas. Busca-se assim atualizar a teoria para que novos olhares sobre esse problema latente no Brasil, gerador de feminicídios e outros homicídios contra desviantes da cisheteronorma que são muito pouco estudados dentro da ciência geográfica (até quando?).

Palavras-chave: Matriz heterossexual, Ideologia, cisheteronormatividade, Corporalidade, contenção territorial

INTRODUÇÃO

O problema do conceito de gênero, para Judith Butler (2018), era ainda estar preso na matriz heterossexual, que a autora compreende como uma linearidade entre corpo/gênero/desejo que é vista numa relação de continuidade e consequência, numa conceituação se baseava em uma característica transcendental, que era anterior ao próprio conceito e portanto inquestionável. Mesmo que o gênero buscasse compreender a construção social da mulher e do homem, a ele ainda escapava a possibilidade de um tornar-se fora da estrutura binária, estando aí seu problema.

Outras críticas foram feitas ao conceito dentro do que é chamado de teoria *queer*. Paul Preciado (2014), por exemplo, já faz uma crítica também a Judith Butler (2018), pois entende o gênero como prostético no sentido de que apenas se dá na materialidade nos corpos, diferenciando-se da perspectiva performativa de Judith Butler. Este autor compreende que o gênero é tanto construído quanto orgânico, sendo uma tecnologia sofisticada que fabrica corpos sexuais. Prossegue o iniciado por Butler, que já percebera que o sexo não era uma

¹ Mestranda do curso de Geografia da Universidade Federal Fluminense – UFF com bolsa da CAPES. Integrante dos grupos de pesquisa ETHOS e GeoCorpo- laleskacf@gmail.com;

² Orientador. Professor Doutor Adjunto da Universidade Federal Fluminense.

realidade pré-conceitual, porém vai além, evidenciando que ainda assim ele é a referência, que esses órgãos reprodutivos são a materialidade que serve como modelo da prótese, do gênero.

Neste artigo buscamos retornar a proposta de Judith Butler, em sua matriz heterossexual, e observa-la como uma ideologia, esta compreendida com base no proposto por Zizek (2018) com base no proposto por Jacques Lacan: como um sistema de ideias que compreende parcialmente o real, tendo um espectro que escapa a sua compreensão ideológica que é tanto sua força quanto sua fraqueza. Esta definição diferencia-se da perspectiva marxista do conceito, que compreende a ideologia como falsa e alienante. Zizek (2018) apresenta que este conceito não se define pela falsidade e veracidade de suas ideias, nem por seu caráter positivo ou negativo, mas por ser uma estrutura de compreensão de real que é uma necessidade emotiva e racional da humanidade frente ao real caótico e sem sentido.

Depois de exposto como esta atualização do conceito será feita, aplicaremos na análise do videoclipe "Flutua" dos cantores Johnny Hooker e Liniker, onde sua narrativa videográfica expõe um caso de violência cisheteronormativa³ que ocorre contra os protagonistas. Por termos como campo científico orientador a ciência geográfica, faremos a análise espacial desta violência como expressão da matriz heterossexual enquanto ideologia, que iremos propor chamar de ideologia cisheteropatriarcal.

Um parêntese: este trabalho faz parte de uma investigação geográfica em andamento para a obtenção do grau de Mestre em Geografia pela Universidade Federal Fluminense, e é financiada pela CAPES, instituição de fomento da pesquisa científica no Brasil a qual agradecemos e esperamos que não sofra um desmonte que regrida os avanços científicos conquistados com muito esforço e luta por parte especialmente de minorias sociais. Fecha parêntese.

METODOLOGIA

Por ser uma revisão conceitual o primeiro caminho metodológico percorrido foi a pesquisa bibliográfica, que já estava sendo feita em decorrência da pesquisa de mestrado que é nesta temática. Pesquisa bibliográfica e não revisão bibliográfica, pois ao se nomear

³ Cisheteronormativa é aquilo que se qualifica como cisheteronormatividade, que será aqui compreendida com a mesma definição de heteronormatividade: "uma medida e uma forma de regulação da vida – que articula uma linha de “coerência” fixa entre o corpo, o gênero e a sexualidade" (DORNELLES e POCAHY, 2010). O prefixo "cis" foi adicionado em referência a cisheteronormatividade também esperada pela norma, algo que gera o alto índice de mortes de sujeitos trans e travestis no Brasil.

enquanto pesquisa se destaca o uso de parâmetros e de uma metodologia para se chegar as referências que aqui são utilizadas.

O primeiro movimento dentro desta pesquisa bibliográfica foi um retorno crítico a epistemologia da geografia, para que se *costurasse* uma nova episteme que não tivesse uma estrutura binária e colonial que segue a matriz heterossexual descrita por Judith Butler, impedindo-se assim que se perceba fenômenos que não seguem essa amálgama cisheteronormativa e/ou que denunciasses a hierarquização racial dos espaços/corpos. Com base nessa nova episteme buscou-se por referências dos conceitos que orientariam a dissertação, mas que no caso deste artigo são principalmente: Matriz heterossexual, gênero, ideologia, corporalidade e espaço público.

O conceito de matriz heterossexual surge como consequência da pesquisa por referências do conceito de gênero, que após uma depuração decidiu-se por dois autores da teoria *queer*: Paul Preciado (2014) e Judith Butler. O conceito de sexualidade não pareceu necessário porque ao se trabalhar o gênero com outro conceito, a corporalidade, o gênero é entendido a partir da sua relação entre corpos e nesta se incluindo também a relação romântica e sexual. A compreensão dessa matriz heterossexual enquanto ideologia surge da leitura de Guasch (2000) que entende a heterossexualidade enquanto mito fruto das sociedades modernas ocidentais. Assim se percebeu que a heterossexualidade de Guasch (2000) que se assemelhava com a matriz heterossexual de Butler (2018) mais parecia com um ideário que modula a realidade, o que será compreendido como ideologia, no qual se escolheu pela definição desenvolvida por Zizek (2018) por ter como base a teoria psicanalítica, o que se aproximava da teoria de Butler (2018), facilitando assim a costura entre estas duas conceituações.

O toque empírico desta pesquisa, para demonstrar a potência de aplicação desta proposta de atualização conceitual, se faz pelo videoclipe de "Flutua" dos cantores Johnny Hooker e Liniker. Esta análise ocorrerá com base na corporalidade dos protagonistas, especialmente no momento em que o ato heteronormativo ocorre. Este último caminho metodológico necessitou da pesquisa por um método de análise videográfica, onde optamos pelo exposto por Janotti Júnior e Soares (2008), especialmente do que os autores chamam de performance musical, que é a parte do produto que é o videoclipe que objetivamos fazer a análise. Para ilustrar nossa argumentação imagens do videoclipe serão utilizadas, capturas de tela feitas do vídeo disponibilizado no sítio eletrônico chamado *Youtube*. Destacamos, portanto, que as imagens não são nossas e são de autoria dos produtores deste clipe.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com o uso de pesquisa bibliográfica o resultado é uma costura teórica que permite a análise a ser feita, onde a metodologia é a de análise videográfica da performance musical do videoclipe. Por isto que o primeiro subtópico será apresentado os resultados da primeira metodologia enquanto no segundo subtópico estará o resultado da segunda metodologia. Vale pontuar anteriormente que no segundo grupo de resultados há uma conceituação específica (contenção territorial). Esta, no entanto, foi separada das definições dos outros conceitos-chave porque surgiu no momento de análise da performance musical e não no momento de pesquisa bibliográfica.

1. Conceitos-chave do artigo e suas definições

Conforme exposto, os conceitos aqui trabalharemos serão gênero, corporalidade, matriz heterossexual, ideologia e espaço público. Iniciaremos com a definição de cada um dos listados para posteriormente analisarmos o videoclipe em questão, aplicando esta atualização do conceito.

Atualizando a teoria feminista com uma crítica que vai na epistemologia ocidental, Butler (2018) demonstra como há uma insuficiência mesmo no conceito de gênero, que tenta expressar a construção social da mulher, pois ele ainda se submete a binaridade do sexo, algo que não é uma mera coincidência. A autora então questiona até mesmo o sexo, que não se configura como algo pré-discursivo e sim que apenas existe em discurso, este que também espera que haja uma linearidade entre sexo, gênero e desejo no que depois a autora vai chamar de matriz heterossexual reforçada pela teoria da psicanálise.

Criticando a teoria feminista branca existente até então, Bulter (2018) conclui que não há um agente por trás do ato, um ideal feminino ou masculino que orienta a identificação do homem e da mulher, mas apenas o um agente diversamente construído no e através do ato. Ela pensa então no gênero como um simulacro e não como uma repetição quase perfeita de um ideal, inspirando-se assim em Gilles Deleuze. Esse ideal irrealizável, contudo, é naturalizado e reforçado por uma epistemologia que perpetua a estrutura binária de pensamento e ação, ocultando o aparato discursivo pelo qual o próprio binário é constituído. Essa performance que faz o gênero não é sempre conformativa do padrão imposto como natural como também podem tornar-se performances dissonantes e desnaturalizadas, revelando assim o status performativo do próprio natural.

Diferente de Butler (2018), que compreende o gênero apenas como performativo, Preciado (2014) o entende como prostético, o que significa que ele não se dá senão na materialidade dos corpos. Assim como uma prótese, um dildo, ele é construído e ao mesmo inteiramente orgânico. É, portanto, uma tecnologia sofisticada que fabrica corpos sexuais. Preciado imagina o gênero numa dimensão material como também imaterial, sendo o gênero invocado de um mundo ideal de masculinidade e feminilidade que se estabelece conforme seu contexto espaço-temporal. Como este ideal nunca é alcançado, toda imperfeita aproximação se renaturaliza em benefício deste sistema e todo acidente, "simulacro", opera como exceção perversa que confirma a regra da natureza, já que produção sexo-prostético confere aos gêneros masculino e feminino seu caráter sexual-real-natural.

A compreensão do gênero enquanto performance é muito enriquecedora, contudo por muitas vezes ignora a materialidade dos corpos. Se apenas a performance representasse o gênero não sujeitos trans sentindo disforia, aversão a partes dos seus corpos, porque estes não se identificam com sua compreensão de como seria sua completude corporal enquanto no gênero que se identifica. Por isto o conceito proposto por Preciado (2014) aparenta expressar melhor o real, daí a decisão de escolhê-lo como definição que usamos neste artigo.

Butler (2018), no entanto, oferece o conceito de matriz heterossexual que melhor expressa a linearidade normativa que se espera dos corpos ocidentais que, atualizada pelo conceito de gênero prostético proposto por Preciado (2014), ocorre entre o gênero e o desejo, já que o primeiro é tanto material quanto imaterial, é tanto a identidade de gênero e a expressão de gênero quanto o corpo biológico. Guasch (2000), ao buscar a genealogia do que hoje chamamos de heterossexualidade, mas que muito se encaixa no que Butler (2018) chama de matriz heterossexual, encontra suas bases desde o império romano, misturando-se posteriormente a uma leitura equivocada da bíblia do mito de Sodoma e Gomorra até chegar no período que Guasch (2000) chama de medicalização da sexualidade, onde a referência social não mais é a Igreja e sim o Estado e este atesta a veracidade de alguns conceitos na Medicina. A palavra homossexualidade surge neste último contexto primeiro na forma de homossexualismo, como uma doença, depois como homossexualidade, como uma sexualidade.

Seguindo esta genealogia que desemboca no atual contexto, o autor identifica algumas características que demarcam esta heterossexualidade que se agrupam em dois grandes grupos de heteronormatividades: a normatização da atividade sexual, que deve ser coitocêntrica por seguir uma economia heterocentrada que gera diferença sexual, e direcionada ao prazer

masculino devido à desvalorização da sexualidade feminina, o que significa também a invisibilidade da masturbação feminina e da relação sexual entre mulheres; a normatização das relações interpessoais, que no geral devem ser misóginas, homofóbicas e lesbofóbicas, e as relações amorosas em específico devem ser monogâmicas (de casal estável e não necessariamente casado) e adultistas, o que quer dizer que não pode ser entre crianças, adolescentes e idosos. Acrescentaríamos a esta lista a obrigatoriedade da monossexualidade, que significa se sentir atraído obrigatoriamente por apenas um gênero, e da atração sexual intrinsecamente vinculada com a ligação romântica, o que sexualidades como a assexualidade buscam demonstrar que há não conformes a esta necessidade sexual.

A corporalidade é um outro conceito que permite melhor compreender o gênero prostético e a matriz heterossexual correlacionados. O corpo enquanto conceito não cabe neste artigo por ser ele baseado no pensamento ocidental de mundo onde o corpo tem limites que o separam da natureza assim como outros pares antagônicos são formados para modular o mundo. Estes possuem uma relação vertical, conforme apresenta Gaard (2011), em que um elemento do par é associado a o elemento de outro par, o mesmo acontecendo com seu oposto. Assim natureza (não-corpo ou não-humano), não-brancos, não-homens, não-cisgêneros, não-monossexuais e não-heterossexuais são todos compreendidos como o Outro, assim como irracionais e emocionais (ou seja, não-objetivos, não-rationais).

A permeabilidade dos limites corporais é elencada por Silva (2010), que, com base nos escritos de McDowell (1999), diz que o corpo é um espaço onde o sujeito se localiza de limites de permeabilidade variável em relação aos outros corpos. A forma física, o volume e o tamanho do corpo resultam na ocupação de um espaço físico e o modo como o corpo se apresenta frente aos outros é lido e percebido pelos demais e varia conforme o local que ocupam em cada momento (SILVA, 2010). Seguindo esta lógica a autora destaca que o conceito de corporalidade, pois este conceito capta o caráter fluído, relacional e representacional desta anatomia.

O gênero surge com a corporalidade, na relação entre os corpos que delimita as identidades de gênero, nas representações que orientam as normas dentro das identidades e que podem ser alteradas devido a também fluidez dos corpos, que podem questionar o normativo e performar de uma maneira que difere o imposto, ainda que mantenha ou não a materialidade dos corpos como referência. Fechando este ciclo a materialidade torna-se uma representação, um símbolo que delimita as relações e fluidez entre os corpos. A corporalidade

torna-se um conceito imprescindível para compreender a matriz heterossexual, já que esta é uma das dimensões espaciais onde ocorre a heteronormatividade.

A matriz heterossexual, portanto, considera normal corporalidades com linearidade entre gênero/desejo enquadradas na cisgeneridade/monossexualidade heterossexual, com práticas sexuais obrigatórias e concentradas na penetração e no prazer masculino peniano, acontecendo apenas entre pessoas entre 18 e 60 anos que reagem com horror/pavor às relações entre sujeitos do mesmo sexo, aos sujeitos não-monossexuais e aos sujeitos transgêneros e travestis (LGBTfobia). Mas essa matriz heterossexual é um sistema de ideias que expressa parte da realidade, mas oculta seu caráter parcial e normativo sob a máscara de ser "natural", naturalidade esta imposta por múltiplas tecnologias cisheteronormativas, como o uso de produções artísticas românticas (visuais, literárias, musicais etc), ordenamento espacial que segue este discurso heteronormativo implícito etc.

O último conceito é aqui conceituado com base nos escritos de Zizek (2018). Este autor faz uma releitura de outros teóricos que buscaram conceituar a ideologia, mas escolhe os escritos de Jacques Lacan, da teoria psicanalítica, para definir o que é ideologia neste contexto que é muitas vezes considerado pós-ideológico. Primeiro o autor define o que não mais se define como ideologia, elencando que o grau de veracidade da ideologia assim como se é ou não maléfica não mais conceitua algo como ideológico. Atualmente o caráter ideológico está em ser um sistema de ideias estruturado em antagonismos que é utilizado para compreender o real (caótico/desordenado), mas que oculta o fato de que nunca captara completamente o real, recalçando o que lhe foge. Zizek (2018) chega a utilizar o par homem-mulher como fruto de uma ideologia, já que este par antagonístico é um ordenador do real.

O espectro da ideologia, que é o que real "recaldado", é tanto sua fraqueza quanto sua força, mas numa crítica a ideologia, que para Zizek (2018) não apresenta a "verdade" e sim acaba com o ocultamento do caráter ideológico do sistema de ideias, o espectro é o que pode expressar a parcialidade da ideologia. O espectro seria o Outro que no pensamento ocidental tem uma multiplicidade de características e identidades em contraste à estrutura dual que o olhar ocidental impõe. A matriz heterossexual é um desse criador do Outro, uma visão de mundo que busca entender o real a partir de seus pares antagonísticos que se relacionam: pênis/vagina; homem/mulher; heterossexualidade/homossexualidade. Dentro desses pares há uma hierarquização que gera desigualdades; o que foge destes pares conceituais é desconsiderado, desacreditado e/ou desvalorizado, gerando mais outras desigualdades. A

matriz heterossexual é, portanto, uma ideologia que aqui chamaremos de cisheteropatriarcal (onde o Eu, a referência, é cisgênero, heterossexual e masculino).

2. Análise geográfica do videoclipe

Esta é a base conceitual que irá orientar a análise do videoclipe "Flutua" dos cantores Johnny Hooker e Liniker: a ideologia cisheteropatriarcal que age sobre corporalidades generificadas. Contudo há de se também distinguir o que é uma canção e o que é um videoclipe antes de esmiuçar a metodologia aplicada com base no indicado por Janotti Júnior e Soares (2008) com o objetivo de fazer uma crítica a ideologia cisheteropatriarcal que orienta a violência que ocorre com os protagonistas da narrativa videográfica.

A canção refere-se à capacidade humana de transformar uma série de conteúdos culturais em peças que configuram letra e melodia (JANOTTI JÚNIOR E SOARES, 2008: 93), originalmente direcionado a execução ao vivo para posteriormente submeter-se às diversas formas de mediações técnicas. Uma regularidade rítmica e melódica configura a canção, que privilegiava o refrão, que os autores definem como modelo melódico de fácil assimilação que objetiva principalmente sua memorização por parte do ouvinte e o “cantar junto”, a participação, do receptor no ato de audição.

O videoclipe, no entanto, além de ser uma adaptação nem sempre perfeitamente simétrica a canção para uma linguagem imagética, serve também como um artifício de “venda” desta, buscando aumentar sua popularidade, expõe Janotti Júnior e Soares (2008), e entre a canção e o videoclipe há uma hierarquia variante. Esta função comercial do videoclipe aproxima-se de alguns preceitos do pensamento ocidental, que busca valores universais para facilitar a expansão de suas ideias, produtos – no caso os videoclipes. Assim surgem padronizações entre artistas-protagonistas pertencentes a gêneros musicais distintos que é identificável globalmente, sendo deslocalizada, salvo exceções. Estas escolhas padrões buscam gerar o mínimo de atrito do espectador que já tem pré-concebido um estilo videográfico do gênero musical do artista-protagonista.

Para análise do videoclipe, a partir do escrito de Júnior e Soares (2008), é portanto necessário identificar o gênero musical, que é definido por regras econômicas (direcionamento e apropriações culturais), semióticas (estratégias de produção de sentido inscritas nos produtos musicais) e regras técnicas e formais (que envolvem a produção e a recepção musical em sentido estrito). Neste trabalho, contudo, se concentrará na análise da

performance musical, que é o ato de comunicação que precisa de uma pressuposta relação entre intérprete e ouvinte, já que segue regras de padronização que são compartilhadas pelos produtores, músicos e audiência, que somado a isto há uma série de regras que articulam o percurso da própria canção, as reverberações sonoras existentes na canção, a dinâmica da construção imagética do gênero musical e a narrativa particular do artista protagonista do videoclipe são obedecidas pelo clipe.

A canção discorre sobre a preocupação da reação dos outros sujeitos da sociedade (“seus pais, Deus e coisas tais”, ou seja, aqueles que fazem parte das instituições Igreja e Família) ao romance entre homens, uma relação amorosa que é leve e que busca vencer esses temores para que no futuro um novo tempo, onde não tenha mais que se esconder e que não haja mais esses empecilhos, os homens possam amar sem temer. É cantada por Johnny Hooker, homem cisgênero branco homossexual, e Liniker, mulher trans não-binária negra que no caso faz papel de personagem masculino. O gênero musical é a MPB do século XXI, que apresenta maior diversidade entre os artistas, com maior amplitude de gêneros, sexualidades, racialidades e localidades se comparado com seus momentos iniciais.

O clipe é um pequeno curta em que protagonizam um casal romântico que se comunicam em libras, que se preocupam, tal como dito na canção, com a reação dos outros à relação deles. O filme videoclipe conta a situação atual, o mundo de hoje em que ainda há de se amar temendo. Boa parte do videoclipe se passa em espaços fechados (no sentido de entrada restrita), a única exceção sendo a rua enquanto espaço aberto. Nos espaços fechados os movimentos são leves e o ritmo no geral se adapta a sonoridade da canção, que é leve e amorosa. Apenas na rua, após uma única expressão de homoafetividade que ocorre pelo beijo entre os dois personagens principais quando eles não mais estão com outros sujeitos que lhe acompanhavam pela rua, a música para e o silêncio se instaura demonstrando a perspectiva de um dos homens surdos enamorados enquanto o outro é espancado em resposta ao beijo compartilhado anteriormente, ato que acontece atrás do outro rapaz que por isto não vê a violência ocorrendo (Figura 1).



Figura 1 – Captura de Tela do clipe no momento que ocorre a performance heteronormativa (Hooker, 2018)

Já no começo do clipe os hematomas no rosto de um dos homens que formam o casal expressavam qual era a reação de outros ao amor compartilhado entre os dois: a violência. Esta que, como exposto anteriormente, é uma das formas de ação da cisheteronormatividade, expressando a homofobia que a marca. A ideologia cisheteropatriarcal ordena a rua pela performance cisheteronormativa que ocorre neste espaço, violentando corporalidades que destoam do estipulado como normal. Não há elementos fixos e visíveis que demarquem esta ação cisheteronormativa como placas de censura, porém estes são expostos quando algo não-cisheteronormativo ocorre, ou seja, na corporalidade censurada, especialmente em sua dimensão relacional, é que esta situação de cisheteronormatividade ocorre.

A placa de censura se expressa no rosto⁴ das corporalidades espectro da ideologia cisheteropatriarcal, o que fica expresso em um momento posterior onde ambos aparecem em espaços fechados com expressões melancólicas. Depois de uma cena em que parecem continuar a conversa que iniciou o videoclipe, ambos estão em espaços separados buscando consolo frente ao trauma passado. Reencontram-se, no entanto, em uma boate, espaço fechado onde, neste caso, outro beijo compartilhado entre o casal não gera uma performance cisheteronormativa, significando que as corporalidades espectro da ideologia cisheteropatriarcal que estão naquele espaço não são rechaçadas e assim demonstrando a possibilidade de que aquele espaço siga outra ideologia.

Em sequência ao encontro na boate, há um enquadramento que demarca o auto enclausuramento necessário para que ambos pudessem dançar e se acariciar, demarcando que no final ambos estão em um espaço privado e fechado, acompanhado de outras pessoas como

⁴ Referência aos seguintes versos da letra de música "Não recomendado" de Caio Prado: " A placa de censura no meu rosto diz: Não recomendado a sociedade".

na maioria do videoclipe. No espaço aberto de circulação que é a rua, uma carícia trocada em forma de beijo trouxe densidade ao ritmo da narrativa em forma de violência, marcando a cisheteronormatividade. Nos espaços fechados da permanência que aparentam seguir outra ideologia, sendo público ou privado, a mesma intimidade compartilhada entre os dois homens não é rechaçada e muito menos chama atenção, se camuflando ao ambiente em que todos flutuam, agem com a mesma leveza que os personagens principais.

A maior homogeneidade dos espaços fechados se comparado com a rua parece ser um dos fatores que lhe confere segurança, tanto no sentido de estar assegurado de perigos quanto no sentido de tonar-se firme, estável, e não fluído, num sentido que indica uma certa limitação, contenção. O verbo conter que origina o substantivo contenção é caracterizado por uma ambivalência em que estamos ao mesmo tempo “contendo” a progressão de outros e “nos contendo” em termos da nossa própria progressão/mobilidade, de modo que o “conter” (o outro) e o “estar contido” (pela não-progressão do outro) se mesclam de tal forma que, podemos dizer, o “outro” está em nós pelo mesmo processo de contenção que, ao evitar sua expansão, provoca também, de alguma forma, o nosso retraimento (HAESBAERT, 2008).

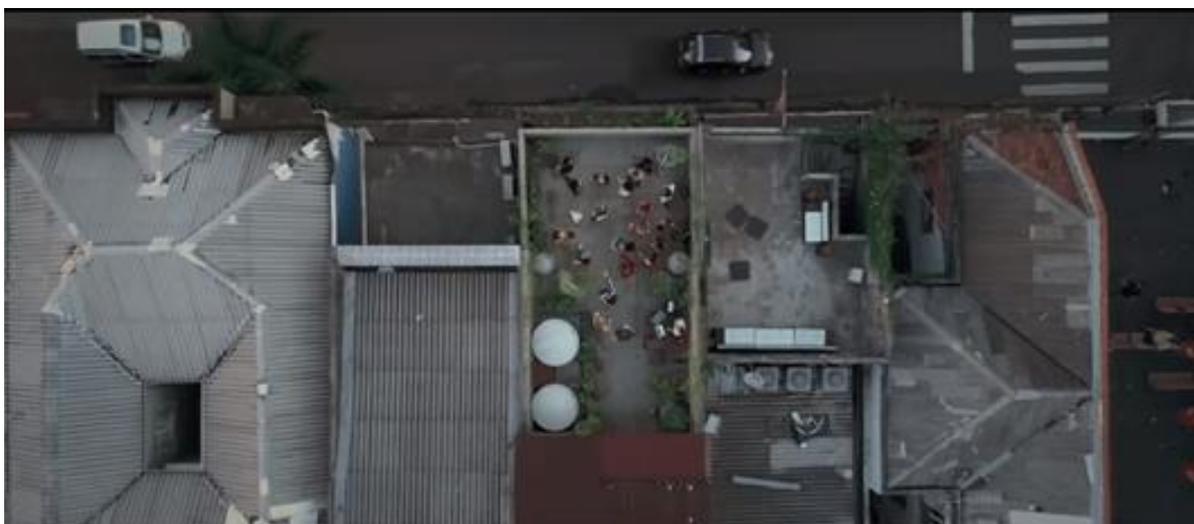


Figura 2 – Captura de Tela do clipe no momento que ocorre a performance cisheteronormativa

A figura 2 parece expressar, portanto, a heteronormatividade, a partir da violência, expulsando os que divergem da norma para espaços fechados, fazendo uma contenção territorial destes corpos nos espaços espectros da ideologia cisheteropatriarcal. Contenção territorial é definido por Haesbaert (2008) como uma forma de precarização socioespacial que imobiliza parcialmente um grupo social, no nosso caso sendo a imobilização dos sujeitos não-cisheteronormativos. As paredes que delimitam o espaço seguro dos personagens principais têm, portanto, a ambivalência de os conterem enquanto também contêm os heteroterroristas, os praticantes do heteroterrorismo definido por Bento (2011) como um terrorismo contínuo e

(83) 3322.3222

contato@desfazendogenero.com.br
www.desfazendogenero.com.br

contido em cada enunciado que incentiva ou inibe comportamentos – por exemplo, insulto ou piada homofóbica.

A mesma ambivalência pode ser percebida no heteroterrorismo. Ao violentarem um dos protagonistas do videoclipe os heteroterroristas faziam uma contenção da homoafetividade na rua enquanto também continha a homoafetividade dentro de si, utilizando-a como contorno de sua delimitação enquanto sujeito. A relação do heteroterrorista com a homossexualidade é, portanto, de dependência, já que o praticante do heteroterrorismo precisa do espectro da ideologia cisheteropatriarcal para se definir enquanto sujeito. E a rua com sua ideologia cisheteropatriarcal precisa que corporalidades não-cisheteronormativas estejam nela para que seja delimitado enquanto cisheteropatriarcal quando heteroterrorismos e outras ações cisheteronormativas ocorrerem, territorializando a ideologiacisheteropatriarcal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A corporalidade da rua que segue a ideologia cisheteropatriarcal demonstra relações de diferenciação entre os corpos com base no seguir ou não da matriz heterossexual, ou seja, da linearidade entre sexo/gênero/desejo. O confronto entre a ideologia cisheteropatriarcal e as corporalidades não-cisheteronormativas é intrínseco ao processo de delimitação desta ideologia, mas também é a possibilidade de ataque a esta ideologia, contendo a ambivalência que Zizek (2019) já apontava.

O que observamos foi que o processo de imposição da ideologia cisheteropatriarcal nas corporalidades faz com que ocorra uma precarização socioespacial que se expressa pela contenção territorial de corporalidades não-cisheteronormativas em espaços espectros da ideologia cisheteropatriarcal, ou seja, espaços Outros que fogem do ordenamento cisheteropatriarcal que a cultura ocidental impõe. Uma conclusão com base numa representação simbólica do espaço, mas que já permite ilustrar o potencial analítico no campo da ciência geográfica que poderia perceber com novos olhares uma das estratégias de imposição da ideologia cisheteropatriarcal.

Mais que isto, o que se vislumbrou foi o surgimento de outro conceito que permita entender a precarização socioespacial dos sujeitos não-cisheteronormativos: a contenção cisheteroterritorial. Esta contenção territorial é qualificada por uma epistemologia do armário, que Junqueira (2013), aplicando os escritos de Sedgwick (2007) no contexto escolar, descreve como uma interpelação que afeta a todos(as) e não somente os abjetos, num processo de

ocultação da posição de dissonância ou de dissidência em relação à matriz heterossexual, que vai além da regulação da vida social dos que se relacionam sexualmente com outras pessoas do mesmo gênero, submetendo-as ao segredo, ao silêncio e/ou expondo-se ao desprezo público. Isto implica em uma gestão das fronteiras da (hetero)normalidade e atua como um regime de controle de todo o dispositivo da sexualidade (JUNQUEIRA, 2013).

Há, portanto uma hierarquização cisheteronormativa, onde se privilegia quem se conforma à ideologia cisheteropatriarcal, lhe oferecendo uma maior mobilidade e possibilidade de desencadear fluxos, uma multiterritorialidade, enquanto há uma imobilização relativa dos sujeitos Outros que acontece enquanto tentativa, já que a contenção territorial “envolve sempre a impossibilidade da “reclusão” ou do fechamento integral, do enclausuramento” (HAESBAERT, 2008).

Este caráter parcial, provisório e paliativo do armário enquanto contenção territorial é um efeito-barragem que busca conter fluxos, daí o simbolismo de a violência cisheteronormativa ocorrer na rua ser ainda mais forte, já que esta é um espaço do movimento, da fluidez. A mesma rua é onde ocorre a manifestação mais famosa dos movimentos sociais LGBT+ (sujeitos não-cisheteronormativos), as Paradas LGBT+, reforçando novamente a resistência a essa ideologia com episteme armário, ideologia cisheteropatriarcal.

No que concerne a amálgama corpo(sexo), gênero e desejo Lemos (2018), falando especificamente sobre o gênero na definição construtivista anterior a crítica *queer*, já demonstrou como o espaço urbano se configura como um território *malestream* – um território dominado por homens – como resultado de uma territorialização masculinista que levou a uma precarização socioespacial do Outro, ou seja, da mulher. Esta precarização se configura em três modalidades sendo uma delas a contenção territorial. Atualizando esta teoria para a definição de gênero prostético pode se compreender que o espaço urbano que a rua faz parte é também um território cisheterossexista e o armário enquanto contenção territorial é uma precarização socioespacial sofrida também pelas minorias sexuais, ou seja, pelos sujeitos não-heteronormativos.

A costura de conceitos aqui realizada mostrou a espacialidade do heteroterrismo e outras performances cisheteronormativas, espacialidade esta que ficava implícita nas análises que tem sido feitas nas ciências sociais já que a grande maioria não é de dentro da geografia, o que parece demonstrar a influência da ideologia cisheteropatriarcal mesmo dentro desta ciência, onde sua recusa em estudar os fenômenos que evidenciam tal ideologia apenas faz com que a ciência geográfica sirva para o ocultamento desta ideologia. Incentiva-se, portanto,

(83) 3322.3222

contato@desfazendogenero.com.br
www.desfazendogenero.com.br

a crítica a esta ideologia dentro da geografia com o fim do silenciamento desta ciência frente a cisheteronormatividade espacial que violenta corporalidades não-cisheteronormativas.

REFERÊNCIAS

BENTO, Berenice. Na escola se aprende que a diferença faz a diferença. Estudos Feministas, Florianópolis, volume 19, número 2, maio-agosto/2011. P. 549-559.

BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

DORNELLES, Priscila Gomes; POCAHY, Fernando. Um corpo entre o gênero e a sexualidade: notas sobre educação e abjeção. Instrumento: R. Est. Pesq. Educ. Juiz de Fora, v. 12, n. 2, jul./dez. 2010

GAARD, Greta Claire. Rumo ao ecofeminismo queer. Estudos Feministas. Florianópolis: 2011, Volume 19, nº 1. Pag. 197-223.

GUASCH, Óscar. La crisis de la heterossexualidad. Barcelona: LAERTES, 2000.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. Cadernos pagu (5) 1995: pp. 07-41.

HOOKER, Johnny. Flutua (Clipe Oficial). 2018. (7m25s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=mYQd7HsvVtI>>. Acesso em: 30 set. 2019.

JANOTTI JÚNIOR, Jeder; SOARES, Thiago. O videoclipe como extensão da canção: apontamentos para análise. Revista Galáxia, n. 15, p. 91-108, jun. 2008.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Pedagogia do armário: a normatividade em ação. In: Revista Retratos da Escola, Brasília, v. 7, n. 13, p. 481-498, jul./dez. 2013. Disponível em: <<http://www.esforce.org.br>>

LEMOS, Carolina. A mobilidade urbana dos corpos femininos na liberação do espaço banguense. História, Natureza e Espaço, v. 7, p. 19, 2018.

LUGONES, María. Rumo ao Feminismo Decolonial. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org). Pensamento Feminista: Conceitos Fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019. P.356-377.

MCDOWELL, Linda. Introducción: el género y el lugar. In: MCDOWELL, Linda. Género, identidad y lugar: un estudio de las geografías feministas. Universitat de València: Madrid, 2000.

PRECIADO, Paul Beatriz. O que é contrassexualidade? In: PRECIADO, Paul Beatriz. Manifesto Contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual. São Paulo: n-1 edições, 2014.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. A epistemologia do armário. In: Cadernos Pagu. Campinas, nº 28, janeiro-junho de 2007. Pag 19-54.

SILVA, Joseli Maria. Conhecimento geográfico e complexidade: a perspectiva feminista da ciência. Instituto Federal Fluminense, Anais - III Encontro de Geografia - A Geografia e suas vertentes: reflexões. Campo dos Goytacazes, 2010a.

SILVA, Joseli Maria. Geografias feministas, sexualidades e corporalidades: desafios às práticas investigativas da ciência geográfica. Espaço e Cultura, UERJ, RJ, N. 27, P. 39-55, Jan./Jun. de 2010b.

ZIZEK, S. O espectro da ideologia. In: ZIZEK, S. Um mapa da ideologia. Rio de Janeiro: Contraponto, 2018.